



CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO

CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

DOUGLAS JONHSON DE OLIVEIRA MOURA

PERCEPÇÃO DA CORPOREIDADE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA:
REVISÃO INTEGRATIVA.

FORTALEZA

2021

DOUGLAS JONHSON DE OLIVEIRA MOURA

PERCEPÇÃO DA CORPOREIDADE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA:
REVISÃO INTEGRATIVA.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Bacharelado em
Educação Física da Centro Universitário Fametro -
UNIFAMETRO sob orientação da Professora Me.
Raissa Forte Pires Cunha como parte dos
requisitos para a conclusão do curso.

FORTALEZA

2021

DOUGLAS JONHSON DE OLIVEIRA MOURA

PERCEPÇÃO DA CORPOREIDADE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA
FÍSICA: REVISÃO INTEGRATIVA.

Este artigo foi apresentado no dia 06 de dezembro de 2021 como requisito para obtenção do grau de bacharel do Centro Universitário Fametro - UniFametro, tendo sido aprovada pela banca examinadora composta pelos professores

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Raissa Forte Pires Cunha
Orientador - UNIFAMETRO

Prof. Me. Roberta Oliveira da Costa
Docente - UNIFAMETRO

Prof. Me. Ronninson Luis Carvalho Barbosa
Docente - UNIFAMETRO

PERCEPÇÃO DA CORPOREIDADE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

Douglas Jonhson de Oliveira Moura¹
Raissa Forte Pires Cunha²

RESUMO

A pesquisa sobre a percepção da corporeidade da pessoa com deficiência física (PCPD), surgiu-se da necessidade de esclarecer certos estigmas, que são associados ao corpo da pessoa com deficiência. O objetivo desse estudo é identificar na literatura da área artigos que avaliam a percepção da corporeidade/imagem corporal de pessoas com deficiência física. Esta pesquisa é do tipo revisão integrativa no qual foram encontrados três artigos que abordam sobre corporeidade, estigmas, capacitismo, imagem corporal, dentre outros temas relacionados ao tema central. Os principais resultados apontaram que a pessoa com deficiência sofre ainda muito preconceito por sua deficiência e corporeidade por bullying e termos pejorativos, conclui-se que o olhar voltado para a deficiência e não para a pessoa impacta negativamente na imagem corporal dessa pessoa.

Palavras-chave: imagem corporal; pessoas com deficiência física; corporeidade.

ABSTRACT

In the research on the perception of the corporeity of the person with physical disability (PCD), the PC was created to define the models, which are associated with the body of the person with a disability. The objective of this study is to identify the literature of articles that assess the perception of corporeity/body image of people with physical disabilities. This research is an integrative review in which three articles were found that address corporeality, stigmas, ableism, body image, among other topics related to the central theme. The main ones pointed out that the person with a disability would still suffer a lot of prejudice because of his disability because of his disability and we have the person with a disability as a disability and do not consider a person with a disability for the disability and do not consider a person with a disability for the disability.

Keywords: body image; people with physical disabilities; corporeality.

1. INTRODUÇÃO

Quando falamos de corpo logo lembramos da Grécia antiga, onde o culto ao corpo e a busca pela perfeição corporal era tido como fator muito importante, e com o passar dos tempos muita coisa mudou, mas a essência permaneceu a mesma como nas plataformas de comunicação visual que nos impõe padrões de

1 **Graduando No Curso De Educação Física Do Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO**

2 **Mestre em Ensino na Saúde. Professor Adjunto Do Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO**

beleza atualmente. Os ideais se modificam gerando exclusão entre indivíduos quando a grande massa tenta acompanhar os modelos impostos, e aqueles que não se encaixam no padrão são excluídos.

Dentro deste paradigma, seria impossível não pensar sobre a exclusão social do corpo das pessoas com deficiência e o impacto dessa exclusão em sua própria corporeidade.

Os estigmas sociais existentes a corporeidade da pessoa com deficiência, presente durante a história da pessoa com deficiência, estabeleceu (e estabelece) a estruturação da relação dessa pessoa com o próprio corpo mediante o discurso dos Outros, sendo por sua vez fator determinante “num processo de espelhamento e diferenciação dentro de um contexto de significações sociais, onde o corpo enquanto suporte físico-afetivo-cultural tem papel fundamental” (DIAS, 1996, p. 15).

Diante do exposto, as questões que norteiam este trabalho são: Como uma pessoa com deficiência física se percebe? Qual o grau de satisfação do próprio corpo?

Baseado no conhecimento empírico do pesquisador, acredita-se que o corpo da PCD sofreu diversos estigmas ao longo dos tempos até atualmente que pode ter contribuído para uma percepção mais negativa acerca da própria corporeidade. Acredita-se, também, que a pessoa com deficiência possa estar insatisfeita com o próprio corpo.

Ainda há poucos estudos que abordam a corporeidade da pessoa com deficiência, mas a nível teórico, são relevantes LE BRETON (1992); Merleau-Ponty (1945); Descartes, R. (2009).

Essa pesquisa se justifica pela necessidade vista do autor de fomentar questionamentos para a sociedade sobre a corporeidade da pessoa com deficiência e na visão de um futuro próximo que haja diminuição dos estigmas pré-estabelecidos. Percebe-se o corpo como único e com diferentes capacidades de sentir, expressar sentimentos e sensações. O respeito as diferentes configurações da corporeidade humana é uma premissa da atuação profissional do Educador Físico. Desse modo, se há uma área que pode contribuir no combate à exclusão social de pessoas com deficiência a nível teórico e prático, essa área é a da Educação Física.

De tal modo, o objetivo da presente pesquisa é identificar na literatura integrativa da área pesquisas que avaliam a percepção da corporeidade/imagem corporal de pessoas com deficiência física.

Essa pesquisa pode ser relevante para as pessoas com e sem deficiência, profissionais de saúde e a grande massa da sociedade em geral.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CORPO

Ribeiro e Débora (2020) trazem de uma forma muito clara a definição de corpo, como: um substantivo masculino; estrutura física de uma pessoa ou animal, composto em sua estrutura por órgãos interiores, cabeça, tronco e membros; todo tipo de substância material, orgânica ou inorgânica: corpo sólido.

Quando falamos de corpo logo pensamos em um padrão, cabeça, braços tronco, pernas, pés e outras partes que compõem o corpo humano, mas tendemos a ver o padrão corporal de acordo ao da maioria, atualmente um padrão magro, alto, para muito definido como um padrão de beleza.

O corpo vem sendo percebido desde muito tempo, na Grécia antiga como ainda hoje é considerado um referencial, o padrão corporal era um ideal, treinado e estruturado, contrariando assim todos aqueles que de certa forma, não encaixassem nos padrões pré-definidos socialmente.

Segundo o filósofo francês Ponty (1999), não temos um corpo, nós somos corpos:

"O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não 'habita' apenas o 'homem interior', ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. Quando volto a mim a partir do dogmatismo do senso comum ou do dogmatismo da ciência, encontro não um foco de verdade intrínseca, mas um sujeito consagrado ao mundo." (Merleau-Ponty, 1999: 6)

O antropólogo francês David Le Breton é conhecido como o maior especialista do mundo em corporeidade - a análise do corpo no contexto social. Para ele, o corpo não pode ser visto apenas como um suporte da alma. Corpo e

ser são indissociáveis. Tanto que não dizemos? Olha, ali vai aquele corpo? Dizemos?

É o corpo e o que ele representa nas interações sociais que define o ser humano.

A condição humana é corporal. O corpo não é apenas um suporte. Ele é a raiz identificadora do homem ou da mulher, o vetor de toda a relação com o mundo, não só pelo que o corpo decifra através das percepções sensoriais ou da sua afetividade, mas também pela maneira como os outros nos interpretam diante dos diferentes significados que lhes enviamos: sexo, idade, aparência, movimentos, mímicas, etc.

Ele acreditava que o corpo é como um campo criador de sensações e sentidos, pois a percepção não significa a representação da mente, mas o acontecimento da corporeidade (LE BRETON, 2006).

Descartes (1979, p. 218) traz uma visão totalmente diferente sobre o corpo, algo que muitas vezes não é bem interpretado, portanto, porque não pensamos que o corpo pensa de forma alguma, temos motivos para acreditar que todo pensamento que existe em nosso corpo pertence à alma. Devemos acreditar que todas as calorias e todos os movimentos que existem em nosso corpo, desde que não dependam da mente, pertencem apenas ao corpo.

"Direi simplesmente que, enquanto estivermos vivos, nosso coração continuará a aquecer. Este é um tipo de fogo mantido pelo sangue nos vasos sanguíneos, e esse fogo é o princípio do corpo de todas as pessoas. O movimento de nossos membros. " (DESCARTES, 1979, p. 220).

Diante de tantas visões diferentes, o que devemos entender por corpo da pessoa com deficiência?

2.2. CORPO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Hoje ainda é dúvida entre os profissionais de Educação Física, e não só eles, qual a terminologia adequada para se referir as pessoas com deficiência.

Segundo a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2008), observou-se que termos como “deficiente” ou “tem necessidades especiais” estão desatualizados e inadequados, pois não se enquadram mais no novo paradigma adotado pelo Estado brasileiro ao ratificar a Convenção das Nações Unidas e, portanto, foram corretamente substituídos. Usando o termo “pessoas com deficiência”, ele adotou uma perspectiva mais humana e acreditava que essas pessoas são as pessoas em primeiro lugar.

Segundo (MELLO, 2014), a deficiência, condição ao qual se provam situações extremas ou interrupções de determinadas situações da vida cotidiana em relações as restrições físicas, intelectuais, sensoriais e sociais, evidenciando a possibilidade da transformação, de mudança do sujeito aos próprios limites corporais. A deficiência, sempre é inesperada, demonstrando que a subjetividade não é lugar ideal, estável ou seguro. Por esse motivo que as PCD's são também sujeitos desejantes.

Para Le Breton (2003), A relação estabelecida entre pessoas com deficiência é uma área útil que pode ser utilizada para analisar a relação entre grupos sociais e o corpo e a diferença de estilo de vida. A sociedade produziu algum estigma devido as deficiências, o que é um motivo sutil para a avaliação negativa das pessoas. Tais avaliações e conceituações foram expressas em inúmeros discursos e, portanto, compõem essas afirmações.

Considerado por Breton (2006, p. 9) como fenômeno social, cultural e biológico, eixo de ligação do homem com o mundo, fundamento da existência individual e coletiva, o corpo, atualmente, vem se constituindo como um objeto obscuro, ambíguo e confuso, em razão do discurso da modernidade. Esta prima pela apologia do corpo como um objeto, apoiado numa materialidade física, que incorpora em si a forma de mercadoria.

Nesse sentido, a corporeidade, segundo o autor supracitado, é socialmente moldável, ainda que seja vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo. Desse modo, os outros indivíduos contribuem para modular os contornos de seu universo e dar ao corpo o relevo social que necessita. O corpo torna-se, então, um produto, um rascunho a ser corrigido, um acessório da presença, testemunha de defesa usual daquele que o encarna, sendo, assim, a descrição da pessoa deduzida da feição do rosto ou das formas de seu corpo (BRETON, 2006, p. 9).

Por muitas vezes estigmatizado, tomado de coitado ou incapaz a pessoa com deficiência sofre essa rotulação social, sendo que os mesmos apenas têm limitações assim como nós, o que muda é a área da limitação já que todos temos limitações em algum campo ou área específica.

2.3. EXCLUSÃO DO CORPO COM DEFICIÊNCIA

O corpo está diretamente relacionado aos padrões de beleza exigidos. A medição precisa é essencial para formar uma impressão de alguém (Camargo; Goetz e Bárbara, 2005),

Segundo a Lexicógrafa Débora Ribeiro define em exclusão como: Ação ou efeito de excluir, de segregar, de deixar de fora. Em que há afastamento; segregação: ela foi alvo da exclusão dos colegas; exclusão social, política, financeira. Não inclusão de algo ou de alguém em; omissão: exclusão racial. Ribeiro (2019)

Magalhães (2010) e Goffman (1980), a convivência não extingue o menosprezo e o preconceito das relações por si só. Estas expressões e/ou adjetivações são depreciativas e ainda utilizadas em meio social, divulgadas em mídia de ampla repercussão, conduzindo as pessoas com deficiência ao descrédito de forma descabida. A sociedade considera e revalida, por motivo torpe, a exclusão, a depreciação, a inferiorização, fortalecendo um desequilíbrio social, mascarado, por vezes, por ações paliativas.

Ainda abordamos o termo Capacitismo, o conceito de incapacidade das pessoas com deficiência.

A palavra originou-se do inglês competência - em português competência significa capaz. De acordo com a BBC, o termo ganhou popularidade no movimento pelos direitos das pessoas com deficiência nos Estados Unidos na década de 1980 (FERNANDES, 2020).

Na legislação brasileira, não há registro do termo "tolerância". No entanto, a Lei nº 13146 de 6 de julho de 2015 prevê o "Estatuto da Pessoa com Deficiência". O artigo 4 da Lei estipula: "Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais e não estará sujeita a qualquer forma de Deficiência. Discriminação." (FERNANDES, 2020).

Muitas vezes a PCD é tratada com termos pejorativos os mais comuns são: doido, louco, perturbado, especial, mongol, autista (ironia), síndrome Down (ironia), mongoloide, débil mental, ceguinho, surdo (piada) e surdinho, mudinho, aleijado, aleijadinho, e tantos outros termos frívolos, desrespeitosos, ridicularizados, irresponsáveis, fora de qualquer padrão social e muito agressivos, que são utilizados erroneamente com PCD's.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3. 1 Tipo de Estudo

A pesquisa se classifica como um estudo bibliográfica que buscando a fundo um melhor entendimento, é fundamental para corroborar com qualquer pesquisa científica. Para avançar em determinada área do conhecimento, é necessário primeiro entender o que outros pesquisadores vêm fazendo e quais são as fronteiras do conhecimento nessa área (VIANNA, 2001).

Portanto, revisão bibliográfica é essencial para definir os problemas do projeto de pesquisa e compreender com precisão o estado atual do conhecimento, as lacunas e a contribuição da pesquisa para o desenvolvimento do conhecimento tópico (Lakatos; Marconi, 2010).

Além de auxiliar na definição dos objetivos da pesquisa científica, as revisões bibliográficas também auxiliam na construção teórica, comparação e verificação dos resultados de cursos e artigos científicos (Medeiros e Tomasi, 2008).

3. 2 Período e local da pesquisa

A busca foi realizada nas seguintes bases de dados eletrônicas: Google Scholar, o ano das publicações ficou entre 2010 e 2021. O descritor utilizado compreendeu os termos: imagem corporal; pessoas com deficiência física; e corporeidade. Desta forma, em cada uma das bases de dados a estratégia de busca foi inserir esses descritores e buscar os artigos. Para assim ajudar na composição desta pesquisa.

3.3 Amostra

O universo da pesquisa foi considerado a partir de estudos e artigos sobre: imagem corporal; pessoas com deficiência física; e corporeidade.

Universo: 81 pesquisas.

Amostra: 3 pesquisas

3.4 Sujeito da Pesquisa

Foram selecionados artigos, pesquisas e amostras que abordassem a temática de imagem corporal, e corporeidade da pessoa com deficiência física.

3.4.1 Critérios de Inclusão / Exclusão

Os critérios de inclusão foram: artigos relacionados ao tema central. Os critérios de exclusão foram: artigos que não possuem total acesso gratuito; artigos duplicados, onde continha o mesmo artigo nas duas plataformas; artigos com grupos de alunos com idades diferentes, como adultos e adolescentes e artigos fora do tema proposto.

3.5 Coletas de dado e Instrumento de Coleta

Foi elaborado um instrumento para a coleta das informações a fim de responder à questão problema da revisão, composto pelos seguintes itens: título, autores, método, periódico, ano de publicação, objetivo do estudo e principais resultados.

3.6 Análise dos dados

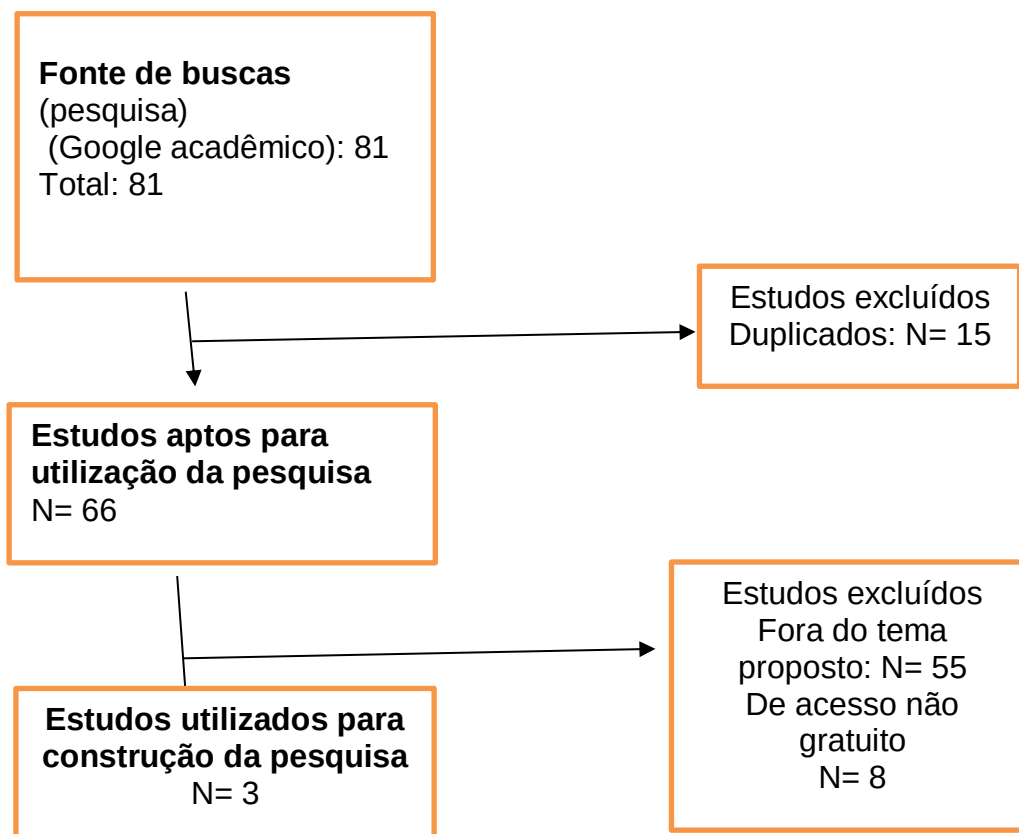
Após a leitura dos artigos selecionados, foi realizada a análise e organização das temáticas: imagem corporal; pessoas com deficiência física; e corporeidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Figura 1 apresenta o fluxograma da seleção dos estudos para a revisão integrativa, desde a sua identificação nas bases de dados até a seleção final.

As buscas resultaram em 81 estudos, Três artigos se enquadra para ser utilizado na a construção da pesquisa e análise de dados.

Figura 01: Fluxograma da seleção de estudos



Fonte: Dados da pesquisa, 2021

As variáveis imagem corporal de pessoas com nanismo, amputação, assim como a corporeidade dos mesmos e pessoas com deficiência física foram as mais pesquisadas, porém poucos estudos que abordam os tópicos foram encontrados que pudessem agregar a esta pesquisa. Na tabela 01 a seguir encontram-se os artigos encontrados e os principais resultados:

Tabela 01: Descrição dos Resultados do Estudo

ESTUDO	RESULTADO
Gesser, M. (2010).	O presente estudo teve como objetivo compreender o processo de constituição de mulheres com deficiência física nas dimensões de gênero, corpo e sexualidade, buscando-se identificar as mediações que foram importantes para a configuração de tais dimensões, bem como as transformações ocorridas a partir da participação das mulheres em um grupo voltado à discussão e reflexão acerca das dimensões acima explicitadas. Os sujeitos participantes da pesquisa foram oito mulheres com deficiência física, com idades entre 24 e 68 anos, integrantes de um grupo mulheres coordenadas pela pesquisadora que, no período da realização da pesquisa, já ocorria a mais de quatro anos em uma associação de pessoas com deficiência física. Constatou-se que o processo de constituição das mulheres entrevistadas foi mediado principalmente por significações relacionadas à infantilização, à atribuição do lugar social de assexuadas, à negação da possibilidade de tomar decisões em todas as dimensões da vida, à discriminação do corpo dissonante dos padrões atuais difundidos pelos discursos médicos e midiáticos, à caracterização delas como incapazes de reproduzir as atribuições de gênero instituídas socialmente, à limitação do acesso de ir e vir e consequente isolamento social. Os discursos baseados no modelo médico da deficiência e na sexologia tradicional, presentes nos variados âmbitos sociais, também foram mediadores desse processo por considerarem a deficiência como um desvio a ser corrigido e a sexualidade como uma questão sem importância no processo de reabilitação. A participação das mulheres nas atividades da associação de pessoas com deficiência, incluindo os grupos lá realizados, contribuiu para que se reconhecessem como pessoas com deficiência, construíssem uma identidade coletiva positiva, desenvolvessem estratégias de enfrentamento do preconceito e dos demais processos de exclusão/inclusão social perversa vivenciados cotidianamente e se mobilizassem a participar dos espaços legitimados de controle social.
Pereira, Monteiro e Pereira (2011)	Alheados do contato frequente com determinados grupos ou contextos, construímos, muitas vezes, imagens sobre os mesmos com base na informação que nos chega diariamente através dos media. De facto, parece inegável a influência que estes meios detêm no nosso olhar sobre a sociedade em geral e, também, sobre o “outro”, entendendo este “outro” como aquele que desconhecemos ou conhecemos mal. Assim sendo, os media poderão desempenhar um papel educativo fundamental na mediação entre a sociedade em geral e os grupos sociais vistos como minoritários, contribuindo, entre variados aspetos, para uma visão menos estereotipada dos mesmos. Este é um trabalho de revisão crítica que pretende dar a conhecer o tratamento mediático da deficiência no passado, no presente e perspectivar o seu futuro

MAGALHÃES, Daiana Queiroz. (2020)	Pessoas com deficiência apresentam uma maior dificuldade no processo de autoconhecimento e aceitação da própria imagem. A deficiência física, ainda é acompanhada por conceitos estigmatizantes que potencializam a imagem de inferioridade que causam depressão, baixa autoestima e exclusão social. O desporto e a prática de exercícios físicos, servem como uma ferramenta de reabilitação física, social e psicológica que trazem melhora na autoestima, consequentemente, na aceitação da imagem corporal. O presente estudo teve como objetivo avaliar a imagem corporal de pessoas com deficiência (PCD) físicas praticantes de basquetebol em cadeira de rodas da equipe Adesul-Fortaleza Esporte Clube. Participaram da pesquisa 12 atletas praticantes de basquete em cadeira de rodas, de ambos os sexos, com a faixa etária de 24 a 52 anos, que fazem parte da equipe Adesul-Fortaleza Esporte Clube. A avaliação da imagem corporal foi realizada através do questionário sobre deficiência física e estima corporal PDREQ – (TALEPOROS et al, 2002). Os resultados apontaram que atletas basquete em cadeira de rodas apresentam, uma maior satisfação da imagem corporal, acarretada pela prática do esporte. Porém, através do questionário PDREQ, foi possível apurar uma variação nos resultados, pois alguns atletas ainda apresentam grande insatisfação com a imagem corporal.
--	---

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Com base na Tabela 01 acima, podemos observar que os autores trazem uma visão clara sobre o que é corpo, deficiência, estigmas, capacitismo, preconceitos a força que os padrões de beleza midiáticos têm sobre a sociedade e como isso impacta de forma negativa a pessoa com deficiência se não for exposto de maneira adequada.

Segundo a pesquisa de doutorado feita por (Gesser, 2010), que averiguou os processos de significação e suas implicações na constituição de mulheres com deficiência física, mostrou que a participação de pessoas com deficiência em vários contextos sociais (educação, trabalho, lazer e espaços para controle social) favorece a ampliação da integração social, garantindo os direitos prescritos pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com deficiência e contribui para a redução preconceito.

Este ponto de vista é bastante assertivo, pois ter essa ampliação da integração social é necessário, sem segregações, pois a pcd tem direitos assim como qualquer outra pessoa.

Segundo (Gesser; Nuremberg e Filgueiras-Toneli, 2012), ao considerar que existe um corpo com deficiência física, o corpo passa a ser o principal signo da diferença.

De fato, quando se olha apenas para a deficiência passa-se a criar estereótipos e alusões de incapacidade, conhecidas como capacitismo,

devemos olhar o sujeito como um todo, pois não é sua deficiência que vai definir quem o mesmo é.

Segundo (SILVA, 2006), um corpo marcado por deficiência é deformado ou abaixo do padrão, semelhante às imperfeições humanas. Como nossa sociedade adora corpos úteis e superficialmente saudáveis, aqueles que carregam a deficiência nos lembra da vulnerabilidade que as pessoas querem negar. Não os aceitamos porque não queremos que sejam como nós, porque assim seremos iguais. É como se eles nos deixarem cair em um complexo de inferioridade. Deixá-los coexistir terá um papel importante, o espelho nos lembra que nós também podemos ser como eles. Este potencial é real, dado a mudança trágica que podemos ter e fragilizá-los, porque queremos ser sempre completos e constantes. Isso que parece incomodar o fato do contato com pessoas com deficiência é não saber como lidar com eles, porque a previsibilidade é uma característica importante das relações sociais contemporâneas. Vergonha porque é uma marca, um rótulo, é a identidade que mais prova. Quando começamos a reconhecer alguém pelos rótulos impostos, essa relação se torna superficial, observando apenas o próprio rótulo e não o indivíduo.

A forma que a autora aborda sobre o tema é de extrema importância, pois a mesma traz uma verdade nua e crua, e faz jus ao que é abordado nesta pesquisa, pois a forma com que convivemos em sociedade deve ser leve, ter empatia, exemplo disso é um questionamento: e se eu fosse uma pessoa com deficiência? Pois isso pode acontecer a qualquer momento, e é algo natural que não podemos nem conseguimos controlar ainda.

Segundo (Pereira; Monteiro e Pereira, 2011) a mídia tem fortalecido o que pode ser considerado um "corpo perfeito" que pode produzir um Reforçar o modelo visual que exclui grupos marginalizados. Acredita-se que as mudanças sobre a corporeidade das pessoas com deficiência quanto a representatividade e visibilidade na mídia têm contribuído para uma melhor percepção sobre a imagem corporal de pessoas com deficiência, mas não o suficiente para que as mesmas se sintam bem com a sua aparência, pois devemos reconhecer o corpo como ele é e não como nos é imposto por padrões externos.

Pouco se vê falando sobre a pcd, e infelizmente quando se traz a imagem ou existe algum personagem em novela, filmes e até mesmo series, a pessoa com deficiência é vista como coitada, ou vilão, e geralmente não é a trazem a

ideia de alguém que é desejado ou querido, pois o padrão midiático tem uma ideia inalterada ainda de ver-se apenas a pessoa com deficiência e toma-la como um ser digno de pena. Está na hora de entender que a pessoa com deficiência é uma pessoa comum e não tem que ter diferenças por sua deficiência.

Vale destacar a pesquisa realizada por (MAGALHÃES, 2020), que tem como tema central a imagem corporal de pessoas com deficiência praticantes de basquete em cadeira de rodas, identificou que a pcd apresenta maior dificuldade no processo de autoconhecimento e aceitação da própria imagem corporal, e que a deficiência física sempre vem carregada por estigmas que aumentam ainda mais a ilusão de inferioridade causando muitas vezes depressão, exclusão social e baixa estima. A pesquisa traz o desporto e a pratica de atividade física como ferramentas para reabilitação física, psicologia e social que potencializam a autoestima, aceitação da própria imagem e bem-estar.

Uma pesquisa brilhante onde a metodologia utilizada e seus resultados obtidos pela autora corroboram com essa pesquisa e traz um novo ângulo de visão, onde a pratica de exercícios e atividades físicas, melhoram muito a condição de vida da pessoa com deficiência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a percepção da corporeidade da pessoa com deficiência física é influenciada por estigmas sociais e termos pejorativos presentes na mídia e no dia a dia dessas pessoas.

Baseado nos resultados da pesquisa, uma pessoa com deficiência percebe-se de maneira normal, sabe que existe uma deficiência, mas isso não se torna um fator limitante, e a grande maioria da PCD's são pessoas satisfeitas com o próprio corpo.

A pesquisa foi muito importante para nos trazer uma nova perspectiva não só sobre o corpo PCD física, mas no modo que tratamos e interagimos com estes sujeitos, seres humanos, com alegrias e tristezas, aptidões e limitações como qualquer pessoa.

Como pesquisador, foi incrível poder aprender mais sobre aquilo que gosto, e é um tema extremamente rico. Tive oportunidades de expandir meu ponto de vista, observar coisas que antes não notava.

Para contribuir para uma melhora da percepção da imagem corporal de pcd física é necessário que os profissionais que atuem com essas pessoas voltem o olhar para a pessoa com deficiência e não para a deficiência em si.

O corpo é como um campo criador de sensações e sentidos, pois a percepção não significa a representação da mente, mas o acontecimento da corporeidade (LE BRETON, 2006).

Reforço que não devemos viver em prol de um padrão de beleza midiático que nos é imposto, pois o que nos torna belos é exatamente nossas diferenças, e como aceitamos e convivemos com elas.

Deixo aqui meu pedido a vós leitores, novos estudos e abordagens devem ser feitas pois um tema desse é importantíssimo, e minha pesquisa não encerra a discussão, além de sugerir novas ações e práticas governamentais, em prol da acessibilidade e um apelo a mídia que pare de rotular padrões de beleza que não são reais, as instituições de ensino peço que preguem inclusão, capacitando docentes e discentes para uma convivência harmônica em sociedade, pois quando aprendermos a respeitar as diferenças uns dos outros teremos um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

ALTENFELDER, A. H. Desafios e tendências em formação continuada. **Constr. Psicopedag.** São Paulo, v. 13, n. 10, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542005000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 26 maio 2012.

CANESQUI, Ana Maria et al. Le Breton, D. A Sociologia Do Corpo. Rio De Janeiro: Vozes, 2010. **Interface: Communication, Health, Education**, 2011.

CHAGAS, A. T. R. **O questionário na pesquisa científica.** Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/22703089/875888180/name/artigo%252Bquestion%2525C3%2525A1rio.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2011.

Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência:

decreto legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. - 4. ed., rev. e atual. – Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2011.

Camargo, B. V., Goetz, E. R., & Barbará, A. (2005). Representação social da beleza de estudantes de moda. In: IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, João Pessoa, Brasil.

Descartes, R. (2009). O mundo ou Tratado da luz e O homem. Campinas: Unicamp.

DESCARTES, René. As paixões da alma. In: DESCARTES, René. *Discurso do método; Meditações; objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas*. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 213-294. (Os Pensadores).

DE ALMEIDA VIANNA, Ilca Oliveira. **Metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica**. EPU, 2001.

DIAS, M. C. M. Corpo E Construção Do Conhecimento: Uma Reflexão Para A Educação Infantil. Rev. paul. Educ. Fís. São Paulo, supl. 2, p. 13-15, 1996.

DICIO. **Questionário**: significado de questionário. Significado de Questionário. 2013. Dicio, Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/questionario/>. Acesso em: 01 maios 2021.

Estudo transversal e/ou longitudinal. **Rev. Para. Med.**, Belém, v. 20, n. 4, p. 5, dez. 2006 . Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-59072006000400001&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 11 maio 2021.

FERNANDES, Dra Fátima Rodrigues. **Autismo e Realidade**. Capacitismo. Capacitismo. 2020. Av. Angélica, 2071 - Consolação São Paulo, SP - CEP 01228-200. Disponível em: encurtador.com.br/boGQY Acesso em: 02 maios 2021.

Gesser, M., Nuernberg, A. H., & Filgueiras-Toneli, M. J. (2012). A contribuição do modelo social da deficiência à psicologia social. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 557-566

Gesser, M. (2010). Gênero, corpo e sexualidade: processos de significação e suas implicações na constituição de mulheres com deficiência física. Tese de Doutorado, Programa de PósGraduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

HENRIQUES, Francisco da Fonseca. Das paixões da alma. **Rev. latinoam. psicopatol. Fundam.** São Paulo, v. 11, n. 1, pág. 134-136, março de 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 de maio de 2021. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142008000100013>.

KNECHTEL, Maria do Rosário. Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LE, B. D. A sociologia do corpo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. 4. reimpr. **São Paulo: Atlas**, 2010.

MELLO, Anahi Guedes de et al. POR UMA BORDAGEM ANTROPOLÓGICA DA DEFICIÊNCIA: PESSOA, CORPO E SUBJETIVIDADE. 2014.

MAGALHÃES, Rita C. B. P. A pessoa com deficiência e a crise das identidades na contemporaneidade. Cadernos de Pesquisa, v. 40, n. 139, p. 45-61, jan. /abr. 2010.

MAGALHÃES, Daiana Queiroz. A imagem corporal de pessoas com deficiência praticantes de basquete em cadeira de rodas. 2020. 20f. Artigo (Licenciatura em Educação Física) - Centro Universitário Fametro, Fortaleza, 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice; CABANES, Jem. **Fenomenología de la percepción**. Barcelona: Península, 1975.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; CARIBÉ, Rita de Cássia do Vale. **Comunicação científica para o público leigo**: breve histórico. 2010.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa: características, uso e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p.1-5, 15 ago. 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2011.

OliveiraE. M.; SilvaW. Ávila de O.; MagalhãesL. C.; da SilvaJ. A. T. Álvares; FrancoE. C. D. Educação Permanente em Saúde: relato de experiência do desenvolvimento de questionário avaliativo online. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 18, p. e1644, 29 nov. 2019. CRESWELL, J. W. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Pereira, A. L., Monteiro, I., & Pereira, O. (2011). A visibilidade da deficiência – Uma revisão sobre as Representações Sociais das Pessoas com Deficiência e Atletas Paralímpicos nos media impressos. *Revista da Faculdade de Letras: Sociologia*, 22(1), 199-217.

RIBEIRO, Débora. **Corpo**: significado de corpo. São Paulo: Dicio, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/corpo/> Acesso em: 29 abr. 2021.

RIBEIRO, Débora. **Exclusão**: significado de exclusão. Significado de Exclusão. 2019. Dicio - Dicionário online de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/exclusao/>. Acesso em: 29 abr. 2021.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. **Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais**. Disponível em: <http://www.geocities.ws/cienciascontabeisfecea/estagio/Cap_3_Como_Elaborar.pdf>. Acesso em: 15 out. 2011.

RibeiroD. K.; FriedrichD. B. de C.; de CastroE. A. B.; CarbogimF. da C.; PachecoZ. M. L.; BahiaM. T. R.; LimaA. K. N.; SouzaL. C.; MatosL. R.; de OliveiraE. M.; SilvaW. Ávila de O.; MagalhãesL. C.; da SilvaJ. A. T. Álvares; FrancoE. C. D. Educação Permanente em Saúde: relato de experiência do desenvolvimento de questionário avaliativo online. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 18, p. e1644, 29 nov. 2019. CRESWELL, J. W. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

SHAKESPEARE, Tom. Poder y prejuicio: los temas de género, sexualidad y discapacidad. In: Len Barton (Comp.) Discapacidad y sociedad. Madrid: Morata, 1998. p. 205-229.

SIQUEIRA, D. C. O.; FARIA, A. A. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. *Comunicação, mídia e consumo*, v. 4, n. 9, mar. 2007.

SILVA, Luciene M. da. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. **Revista brasileira de educação**, v. 11, p. 424-434, 2006.

TOMASI, Carolina; MEDEIROS, João Bosco. **Comunicação científica: normas técnicas para redação científica**. Editora Atlas SA, 2000.

VON DER WEID, Olivia. Entre as linhas da cegueira. In: Vandenberghe, Frederic; von der Weid, Olivia. (Org.). *Novas antropologias*. 1ed. Rio de Janeiro: Terceiro ponto, 2016.

